



# ENTRE POÉTICA E SEMIÓTICA: NOVAS PERSPECTIVAS DO ESTUDO DA RETÓRICA

---

BETWEEN POETRY AND SEMIOTICS:  
NEW PERSPECTIVES IN THE STUDY OF RHETORIC

Marcela Ulhôa Borges Magalhães<sup>1</sup>  
*Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho/Araraquara*

**Resumo:** A natureza dos estudos discursivos que se desenvolvem na atualidade está fortemente radicada na Retórica Antiga, de modo que as origens da própria forma de organização do discurso moderno estão também enraizadas na Retórica Clássica, que é fundamentalmente de base aristotélica. O presente artigo propõe-se a traçar um paralelo entre a presença da Retórica na antiguidade e na modernidade, de modo a analisar como, pouco a pouco, ela foi se transformando e sendo incorporada às diversas teorias que se preocupam com o estudo do sentido. Na atualidade, ela é estudada não apenas por aqueles que se designam retóricos, mas por filósofos, linguistas, semioticistas, antropólogos, especialistas das artes e da literatura etc. Pretende-se observar o que restou da Retórica Clássica na contemporaneidade e quais aspectos foram se diluindo com o passar do tempo. Este artigo tenciona, portanto, discutir essas questões especificamente no que se relaciona ao escopo da poética e da semiótica, sobre o qual recai o interesse da discussão que aqui será desenvolvida.

Palavras-Chave: Retórica; Poética; Semiótica.

---

<sup>1</sup> marcelacfj@hotmail.com

**Abstract:** *The nature of discourse studies carried on today is strongly linked to ancient rhetoric so that the origins of the very form of modern discourse organization is also rooted in classical rhetoric, which is fundamentally based upon Aristotelian thought. This article draws parallels between the presence of rhetoric in antiquity and in modernity in order to analyze how rhetoric gradually has been transformed and incorporated into various theories concerned with the study of meaning. Rhetoric is currently studied not only by those who are called rhetoricians but also by philosophers, linguists, semioticians, anthropologists, and specialists in art and literature. The discussion traces the vestiges of classical rhetoric in these disciplines and investigates which of its aspects have been weakened over time. It aims to discuss these issues specifically within the scope of poetics and semiotics.*

Keywords: *Rhetoric; Poetics; Semiotics.*

## A RETÓRICA CLÁSSICA

A retórica é a disciplina que deu origem às teorias que primam pelo estudo do discurso no Ocidente e trouxe consigo a consciência da heterogeneidade discursiva: “Tira ela seu nome do grego *rhéseis*, que quer dizer ‘ação de fala’, donde ‘discurso’. *Rhetoriké* é a arte da oratória, de convencer pelo discurso” (FIORIN, 2007, p. 11). Seu arsenal teórico mostra-se muito importante até hoje, em especial, no que diz respeito à constituição de novas teorias que se servem de seus princípios de base, a exemplo da semiótica, especialmente em seu mais recente desenvolvimento, a chamada semiótica tensiva que, além de figurar como uma das tantas teorias do discurso, se ocupa também do estudo da afetividade, que foi uma das grandes preocupações da retórica. Na tentativa de compreender como a Retórica Clássica participa das ciências linguísticas da modernidade e da semiótica, em especial, e como ela se mostra útil também ao estudo do texto poético, faz-se necessário traçar um panorama que abarque os momentos mais significativos de sua história.

Barthes (1975, p. 151-152) relata que a retórica nasceu a partir de um processo socioeconômico, envolvendo questões relativas à propriedade, por volta de 485 a.C. Dois tiranos sicilianos, Gelon e Hieron, povoaram Siracusa e retiraram as terras da população local, mas quando, posteriormente, foram destronados, o povo quis retomar seus territórios originais, e, por essa razão, houve inúmeros processos que mobilizaram grandes júris populares, nos quais era valorizada, acima de tudo, a eloquência discursiva, que passou, a partir de então, a ser tomada como objeto de estudo pela sociedade antiga. Nasce desse episódio, portanto, a retórica como ciência do discurso.

Posteriormente, essa retórica que, no início, era estritamente argumentativa, foi, aos poucos, sendo apropriada pelos sofistas e tomou outra

direção. Quando Górgias passa a sublinhar a importância do estudo das figuras para construção da verossimilhança discursiva — que lhe era tão cara — a retórica abre-se para a estilística, e esse passo será de grande importância para a configuração dessa ciência ainda em desenvolvimento. A essa visão, Platão opunha-se veementemente, pois, para o filósofo, a retórica de direito é aquela cujo objeto é a busca pela verdade, e não pelo *parecer-verdadeiro* do discurso verossimilhante defendido pelos sofistas.

Quando se pensa, porém, em retórica clássica, a referência principal não está nos Sofistas, nem mesmo em Platão, mas na retórica de Aristóteles, que figura, até hoje entre as bases das teorias modernas do discurso. Além da *Retórica*, Aristóteles dedicou-se também à composição de uma *Arte Poética*, que se orienta por princípios opostos aos da retórica. É justamente essa oposição, fundada sobre os dois tratados aristotélicos, que a neo-retórica — bem como seus desdobramentos — pretende incorporar, dissolvendo, de certa forma, essa polaridade:

Aristóteles escreveu dois tratados sobre os fatos do discurso, mas ambos são distintos: a *Techne rhetorike* trata de uma arte da comunicação quotidiana, do discurso em público; a *Techne poietike* trata de uma arte da evocação imaginária. No primeiro caso, trata-se de regular a progressão do discurso de ideia em ideia; no segundo, a progressão da obra de imagem em imagem: ambas são, para Aristóteles, dois encaminhamentos específicos, duas “*technai*” autônomas; e é a oposição desses dois sistemas, um retórico e outro poético, que, de fato, define a retórica aristotélica. Todos os autores que reconheceram semelhante oposição poderão enquadrar-se na retórica aristotélica; esta cessará, quando a oposição for neutralizada e a retórica e a poética se fundirem, isto é, no momento em que a retórica se transformar em uma *techne poética* (de “criação”). Tal sucede aproximadamente na época de Augusto (com Ovídio, Horácio), e pouco depois (com Plutarco, Tácito) — se bem que Quintiliano ainda pratique uma retórica aristotélica. (BARTHES, 1975, p. 155)

A *Retórica* de Aristóteles busca equilibrar as três partes correspondentes ao *éthos*, ao *páthos* e à mensagem — *inventio*, *dispositio*, *elocutio* — sendo, portanto, dividida em três partes. O livro I é dedicado ao emissor da mensagem e à concepção dos argumentos de maneira geral; o livro II, ao receptor e às emoções e paixões provocadas pelo enunciado<sup>2</sup>; por fim, o livro III é dedicado à própria mensagem, ou, em outras palavras, à *elocutio*, priorizando, dessa forma, o estudo das figuras e da *taxis*<sup>3</sup> do discurso. Para o estagirita, o objeto de estudo da retórica

---

<sup>2</sup> Cólera, calma, amor, ódio, temor, vergonha, confiança, imprudência, compaixão, indignação, inveja e emulação são os doze estados passionais identificados por Aristóteles em *Retórica das Paixões* (2000).

<sup>3</sup> O estudo da *taxis* dedica-se à ordem das partes do discurso.

não é o de dizer a verdade, mas o de realizar a persuasão do ouvinte: “Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. Esta não é seguramente a função de nenhuma outra arte. [...] a retórica parece ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada”. (Retórica, 1356a) Tais meios de persuasão eram, dessa forma, manipulados com o intuito de *fazer* o ouvinte *crer* em algo, mas também com o propósito de *fazê-lo sentir*, ou seja, de suscitar neles estados passionais, como aqueles descritos por Aristóteles na parte da *Retórica* que fala sobre as paixões, ou seja, no segundo livro da obra.

Todorov (1979, p. 64) sublinha que as três funções principais da retórica são a de instruir, sensibilizar e agradar, mas sempre a serviço de uma finalidade específica, sendo o objetivo primeiro da retórica a persuasão:

A retórica não entende a linguagem como forma — não se preocupa com o enunciado em si — mas com a linguagem como ação; a forma linguística torna-se o ingrediente de um ato global de comunicação (em que a persuasão é a espécie mais característica). É sobre as funções da palavra, e não sobre a sua estrutura, que a retórica se interroga. O elemento constante é o objetivo a atingir: persuadir (ou, como se dirá mais tarde, instruir, sensibilizar e agradar); os meios linguísticos são tomados em consideração na medida em que podem servir para atingir esse objetivo. (1979, p. 55)

Na retórica aristotélica, a palavra reduzia-se, assim, à sua funcionalidade, de modo que as figuras de estilo, das quais a retórica está repleta, não servem a outro fim que não a persuasão, deixando a valorização da estética e da beleza do enunciado a critério dos estudos poéticos, que visam, segundo Aristóteles, à composição de imagens, enquanto a retórica deve se preocupar estritamente com o desenvolvimento das ideias.

Barthes (1975, p. 157) relata que, no século II a.C., os gregos afluem a Roma e trazem com eles a tradição retórica, que é consolidada por meio da fundação de escolas dedicadas a essa arte, que passam a espalhar-se pelo Império Romano, culminando na formação de exímios retóricos, que atingem o ápice com Cícero (106-43 a.C.). O arpinate era um orador que colocava em prática a arte retórica; ele compunha discursos para serem apresentados publicamente em diversas situações, em geral, no Senado, nos tribunais e nas assembleias populares (BOWDER, 1980, p. 70). A obra ciceroniana representa, assim, uma certa pragmatização da retórica aristotélica, pois, embora seja fiel aos preceitos gregos de Aristóteles, sublinha e encarece o desenvolvimento da *elocutio*, por meio da

exaltação das figuras, da estilística e da beleza da palavra de modo geral, características essas que serão, mais tarde, muito valorizadas pelos neo-retóricos.

## A CRISE

Para compreender bem as razões que conduziram à crise da retórica, que teve início justamente no período de Cícero, é importante examinar como essa arte do discurso estava condicionada às questões de cunho político e social, que acabaram por exercer grande influência nos tratados de retórica e, muitas vezes, até mesmo por determinar a constituição intrínseca de determinada forma discursiva.

A retórica persuasiva de base aristotélica permitia que quaisquer pontos de vista pudessem ser defendidas, e a qualidade do discurso era medida de acordo com sua capacidade de convencimento, de modo que essa arte só era um instrumento eficaz à medida que figurava dentro de um Estado livre e democrático, em que o poder de uma assembleia deliberativa era maior do que o poder individual das instituições, razão pela qual a eloquência tinha uma função pragmática. Quando, porém, a democracia desaparece e é substituída por um governo forte que já não necessita de deliberações públicas, a utilidade da eloquência foi colocada em xeque (TODOROV, 1979, p.58).

A república romana começa a decair com o assassinato de César nos idos de março de 44 a.C. por um grupo de senadores que queria banir o governo de César<sup>4</sup>, abrindo caminho, assim, a uma instabilidade política que, após um período de guerras civis, viria a culminar com o fim definitivo da República e o início do Império Romano, que ocorre quando Otávio, herdeiro de César, torna-se Augusto em 27 a.C. e consagra-se como o primeiro imperador de Roma (ADKINS, 1994, p. 3-10). Essa mudança que ocorre no contexto político da Antiguidade Clássica, no entanto, passa a colidir com os preceitos da retórica aristotélica, fazendo com que essa arte discursiva adquira diferentes contornos. Na democracia, a palavra era extremamente eficaz e valorizada, já que se poderia argumentar livremente a favor daquilo em que se acreditava; num principado como o que se instalou em Roma após o assassinato de César, por oposição, a arte

---

<sup>4</sup> A execução do governo de César desprezava completamente as instituições republicanas, em especial, o Senado, de modo que, sob seu comando, a República foi transformada em um sistema ditatorial (HARVEY, 1987, p. 112).

retórica já não encontrava mais sentido de ser, pois o autoritarismo decorrente dessa nova configuração política foi, pouco a pouco, estreitando o espaço destinado para discussões, de modo que a palavra eficiente, nesse novo contexto, não era mais a palavra carregada de intensão persuasiva, mas aquela considerada , acima de tudo, *estética*, como afirma Todorov:

[...] há uma mudança ainda mais importante, da antiga à nova retórica, antes e depois de Cícero, e que diz respeito à própria organização do seu domínio. Sabemos que o edifício retórico se subdivide em cinco partes — duas dizem respeito à enunciação e as outras três ao enunciado: inventio, dispositio, elocutio. Na antiga perspectiva instrumental, as cinco partes são, em princípio (apesar das notórias preferências de alguns autores), postas em igualdade: correspondem a cinco aspectos do ato linguístico, todos eles submetidos a um objetivo que lhes é exterior — o de convencer o auditório. Agora, desaparecido o objetivo exterior, é a elocução — quer dizer, as figuras, os ornamentos — que ocupa um lugar cada vez mais relevante, já que é assim que mais convenientemente se realiza o novo objetivo: falar (ou escrever) com arte, criar belos discursos. (1979, p. 60-61)

Em oposição, portanto, à retórica antiga, que diz respeito ao estudo da argumentação em ato, das técnicas de persuasão e da eloquência do discurso voltada à funcionalidade da palavra, a *neo-retórica* quase não mais prioriza essas questões e abre a possibilidade de estudo para as qualidades intrínsecas da palavra: as figuras, o estilo e a estética, afinal, em uma sociedade em que o direito de falar é vedado, só resta à retórica voltar-se sobre si mesma e desenvolver as características internas do discurso.

Essa nova forma de estudar retórica em muito se aproxima dos estudos da poética, pois, como afirma o próprio Todorov, “A nova eloquência em nada difere da literatura; o novo objeto da retórica coincide com a literatura. E se a palavra eloquente era outrora definida pela sua eficácia, agora, pelo contrário, é a palavra inútil — que não serve para nada — que vai ser louvada.” (1979, p. 62). Tais reflexões vão ao encontro da definição de função poética delineada por Roman Jakobson, que compreende o texto literário como aquele que tem um fim em si mesmo, ou, em outras palavras, que não visa a nenhuma outra finalidade que vai além do prazer estético proporcionado por ele próprio, já que “[...] o trabalho poético se diria então uma mensagem verbal que tem na estética sua função dominante” (JAKOBSON, 2002, p. 515). O estudo da retórica e da poética pode, dessa forma, ser orientado em perspectivas que não mais se excluem, mas, ao contrário, se complementam, podendo assim, contribuir mutuamente para ambos os campos teóricos.

Se na retórica clássica as três partes do discurso — *inventio*, *dispositio* e *elocutio* — encontravam-se equilibradas na composição do discurso, após o desenvolvimento da *neo-retórica*, passou a haver um pendor para o desenvolvimento do *elocutio* ou, em outras palavras, para o estudo das potencialidades da palavra. Essa nova perspectiva retórica, portanto, engloba em seus princípios embaixadores os dois principais tratados aristotélicos, sem a necessidade de separá-los em categorias opostas: aquele que visa à progressão das ideias — *Retórica* — e aquele que, por sua vez, visa à progressão das imagens — *Poética*.

No tipo de investigação que aqui se coloca, é interessante estabelecer um paralelo entre os componentes retóricos do enunciado — instruir, sensibilizar e agradar — e alguns aspectos da Teoria da Comunicação desenvolvidos por Jakobson, muito caros também ao estudo da Poética. Pode-se afirmar, assim, que o ato de “instruir” está centrado no referente, o ato de “sensibilizar”, no receptor, e o ato de “agradar”, na própria mensagem, que se faz bela a fim de suscitar o prazer estético (TODOROV, 1979, p. 64). A *elocutio*, cuja função é agradar<sup>5</sup>, aproxima-se, assim, da função poética da linguagem, que, tal qual a nova retórica, debruça-se sobre si mesma e tem como finalidade última a estética *per se*.

A prioridade da nova retórica passou a ser, então, a linguagem, e esse pendor foi motivo de preocupação para muitos dos retóricos tradicionalistas, que passaram, em oposição, a dar mais privilégio ainda à *inventio* em detrimento da *elocutio* (TODOROV, 1979, p. 63), já que esse último elemento do enunciado já era tão explorado nas novas formas que constituem a neo-retórica, como a do Grupo  $\mu$  (de Jean-Marie Klinkenberg, J. Dubois, Philippe Minguet, Francis Edeline, F. Pire e H. Trinon), de Perelman, Meyer e muitos outros. No que diz respeito ao estudo das figuras, o Grupo  $\mu$  (1974), de Liège, particularmente, desenvolveu um trabalho importante para as bases da neo-retórica, no que diz respeito ao tratamento das figuras e seu processo de classificação. Assim como Hjelmslev (1975), eles consideravam o discurso como uma junção do plano de conteúdo e do plano de expressão, concebendo cada um deles tanto em sua forma quanto em sua substância. A partir desse pressuposto estrutural, estabeleceram para a classificação das figuras um processo muito mais abrangente, nomeado de “metáboles”, que compreende quatro classes de figuras, examinadas sob as

---

<sup>5</sup> Ressalta-se que a expressão “agradar” refere-se ao potencial do enunciado em provocar prazer estético.

operações de junção, supressão e permuta. De acordo com Mosca, “Pode-se dizer que, ao renovar a nomenclatura tradicional e chegar a uma esmerada taxonomia, os estudiosos de Liège forneceram um precioso instrumento de trabalho, aplicável aos vários tipos de discurso. Em sua Retórica da Poesia, o Grupo  $\mu$  tira o máximo partido desse bem fundamentado sistema descritivo” (MOSCA, 2004, p. 37).

Tal querela entre os retóricos acabou por resultar em profundas modificações que se refletem claramente na retórica contemporânea: houve uma bipartição teórica entre aqueles que se dedicam à investigação das técnicas argumentativas e persuasivas, apropriando-se de noções extra-textuais apoiadas na noção de sujeito ontológicos, e aqueles que se dedicam à estilística, que contempla o estudo das figuras de linguagem (FIORIN, 2007, p. 23). Os estudiosos da literatura, de modo geral, estão inseridos na segunda categoria, ao passo que os analistas do discurso, jornalistas, dentre outros, na primeira.

## OS DESDOBRAMENTOS RECENTES

Quando se trata de debruçar-se sobre os meandros passionais do discurso poético, é inevitável basear-se na teoria das paixões desenvolvida pela retórica de Aristóteles e buscar aparato nos mecanismos contemporâneos de análise, e um dos que merecem maior destaque, especialmente no que se refere ao estudo do texto verbal, é a teoria semiótica francesa assim como seus desdobramentos mais recentes, desenvolvidos pela semiótica de base tensiva, que procura, em seu percurso, integrar a retórica argumentativa e a retórica das figuras em um mesmo campo teórico, a exemplo dos trabalhos desenvolvidos por Claude Zilberberg, Jacques Fontanille, Denis Bertrand, Per Aage Brandt, dentre outros.

A retórica, aliada às teorias estruturais do discurso, oferece um instrumental analítico de grande valia para o estudo das cifras tensivas das disposições afetivas quando elas são verificadas dentro do contexto da enunciação. Ao colocar em foco o exame das paixões, é interessante observar em que medida os estudos desenvolvidos na Antiguidade Clássica foram apropriados pela teoria semiótica, partindo sempre do pressuposto de que, por mais que os recortes culturais possam instaurar diferenças em relação à

concepção das paixões humanas, elas são, em essência, as mesmas<sup>6</sup>. Dessa forma, a Retórica tem grande importância para o desenvolvimento de pesquisas sobre tais questões na atualidade, e como a semiótica francesa constitui-se como uma dessas vertentes teóricas, ela só tem a enriquecer-se a partir das reflexões críticas sobre os textos retóricos da Antiguidade Clássica.

Na *Retórica* (1378a), Aristóteles mostra que o ato de comunicação mobiliza três elementos fundamentais: o orador, o auditório e o discurso, centrados, respectivamente, nas dimensões do *éthos*, do *páthos* e do *lógos*. Segundo os princípios aristotélicos, o *éthos* corresponde ao caráter moral do orador<sup>7</sup>; o *páthos*, às paixões e disposições do auditório; enquanto o *lógos*, àquilo que o discurso demonstra ou simula demonstrar. Os mais recentes desenvolvimentos da semiótica, a exemplo da semiótica das paixões e da semiótica tensiva, privilegiam o estudo do *páthos*, pois buscam refletir fundamentalmente a respeito da esfera passional do discurso: o que interessa agora, mais do que o *fazer-criar*, é o *fazer-sentir*. De acordo com Aristóteles: “obtem-se a persuasão nos ouvintes, quando o discurso leva-os a sentir uma paixão, porque os juízos que proferimos variam, consoante experimentamos aflição ou alegria, amizade ou ódio” (*Retórica*, 1378a). A persuasão discursiva, dessa forma, não está relacionada apenas à ordem do inteligível, mas também do sensível, e é a essa esfera do sentido persuasivo que a semiótica das paixões e a semiótica tensiva pretendem dar prioridade, como aponta também Fiorin:

Hoje é preciso voltar à retórica e incorporá-la à semiótica. Para Zilberberg, isso corresponde à inclusão dos afetos na teoria, ao abarcamento da dimensão estésica do discurso. Afinal, a retórica tinha entre seus objetivos, não apenas *docere* ou *probare*, que concerne ao componente inteligível do discurso, mas também *delectare* ou *placere* e *movere* ou *flectere* (CÍCERO, 1921, I, 21, 69; QUINTILIANO, 1980, XII, 2, 11), que dizem respeito ao componente afetivo do discurso. (2007, p. 14)

Aristóteles afirma também que “as emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a comoção, o medo e outras semelhantes, assim como as suas contrárias (*Retórica*, 1378a)”. Para apreender bem a afetividade do discurso, é necessário compreender com clareza a distinção de três pontos fundamentais no que concerne ao estudo de uma paixão: em que

---

<sup>6</sup> A essência das paixões mencionadas na *Retórica* de Aristóteles, a exemplo do amor, do ódio, da compaixão, da vergonha, da inveja, do desprezo, dentre tantas outras, continua reconhecível nos discursos do presente, embora sua conceituação sofra modificações em virtude das diferentes configurações culturais.

<sup>7</sup> É importante compreender que se trata do caráter moral do orador construído no e pelo discurso, e não de uma moral de natureza ontológica.

disposições somos incitados a ela, a quem ela se relaciona e quais as causas que a provocam.

As paixões são examinadas desde a Antiguidade e continuam em voga nos estudos contemporâneos. A semiótica de linha francesa, principalmente em sua abordagem tensiva, oferece um instrumental teórico de grande valia para o estudo das disposições afetivas quando elas aparecem convertidas em discurso. A semiótica examina as paixões como efeitos de sentido provocados no enunciatário e causados pela mobilização e combinação de uma série de recursos (modais, fóricos, discursivos e expressivos) por parte do enunciador. Os efeitos de sentido de um texto, assim, estão presentes tanto em sua esfera inteligível quanto sensível, dessa forma, o estudo das paixões explora caminhos ainda pouco trilhados dentro dos estudos discursivos, e mesmo da semiótica greimasiana tradicional, mas de grande importância para apreensão do efeito poético do texto, de modo a conjugar, na mesma esfera de sentido, o estudo da persuasão, das figuras e da poética.

Claude Zilberberg inicia o capítulo “Semiótica e retórica”, presente em *Elementos de Semiótica Tensiva* (2011), refletindo justamente sobre a dificuldade de precisar o lugar da retórica nos estudos do discurso:

Ainda é difícil precisar em nossos dias o lugar da retórica no seio das ciências da linguagem. Em um universo de discurso dirigido pela busca de novidade — mesmo que esta não passe de mera aparência —, é tentador reduzir a retórica a uma remanescência acadêmica, ou seja, atribuir-lhe uma longevidade sem consequência cujo limite não poderia ser estabelecido. (2011, p. 195)

A retórica não aparece no centro das discussões acadêmicas da atualidade, como outras teorias desenvolvidas mais recentemente, a exemplo da análise do discurso, dos estudos culturais, da estilística, da linguística e da própria semiótica, porém, ela não deixa de ocupar uma posição de destaque dentro de todas essas ciências. A semiótica, por exemplo, apropria-se dela de modo a incorporar o tratamento dado pela retórica à questão dos argumentos e das figuras:

Seria preciso, no entanto, ao final, responder uma objeção [...]: o que a semiótica está fazendo é apenas estabelecer novos princípios de classificação. Sim e não. Ela está determinando, de acordo com suas bases teóricas, os princípios de construção de argumentos e figuras e, por isso mesmo, classificando-os. No entanto, cabe lembrar que o que as teorias devem fazer é tornar-se cada vez mais compreensivas, explicando, da mesma maneira, fenômenos cujas relações não eram percebidas. (FIORIN, 2007, p. 22-23)

A semiótica preocupa-se, assim, com as questões da persuasão na medida em que elas estão relacionadas à ordem do texto. Não interessam mais os sujeitos

ontológicos, fundamentais na retórica pragmática antiga, mas os sujeitos projetados no enunciado: o enunciador e o enunciatário virtualizados no discurso. Porém, quanto mais a semiótica avança, mais ela se volta para a tentativa de apreensão do discurso em ato e da construção do sentido de um modo mais próximo ao da enunciação vivida, e, nessa perspectiva, ela não poderia deixar de recorrer mais uma vez à retórica, que passa a ser enfocada como um todo. Rejeita-se, assim, aquela divisão histórica entre a retórica da argumentação e retórica das figuras, para tentar estabelecer uma reflexão sobre a base comum em que essas duas retóricas foram fundadas (BERTRAND, 2009, p. 2). Dessa forma, além da persuasão do discurso, a semiótica dedica-se também ao estudo topológico, que é de grande valia para as reflexões em torno da figuratividade e da expressividade do texto poético.

No centro dessa nova abordagem da retórica, a semiótica tensiva em muito contribuiu, especialmente no que diz respeito ao estudo das figuras, por não as conceber como um processo simplesmente substitutivo, em que um conteúdo “figurado” substitui um “próprio”, mas como uma co-presença, tensa e correlacional, em que vários modos de existência da significação tropológica — sensível, inteligível, passional e interpretativo — aparecem correlacionados e articulados (BERTRAND, 2009, p. 2). Para que esse olhar tensivo sobre o texto seja eficaz, não se pode tomar as figuras de forma isolada; deve-se compreender a dimensão retórica de modo geral. Fiorin (2008, p. 66) entende essa tentativa de compreender os fenômenos retóricos sob o ponto de vista tensivo como uma “retorização da semiótica”, em que tanto o estudo das figuras quanto o da argumentação serão explicados a partir de novos pressupostos teóricos.

## CONCLUSÃO

Todas as reflexões aqui desenvolvidas sobre a história da retórica, desde seu nascimento, foram importantes para auxiliar na compreensão de como ela foi, aos poucos, transformando-se e atrelando-se a outras teorias que passaram a incorporar seus princípios essenciais na busca pelo estudo do sentido, seja na filosofia, na linguística, na literatura, nas artes ou em qualquer outra vertente teórica que se preocupa com os processos de significação. Este artigo procurou demonstrar como ocorreram esses processos especificamente no que toca ao escopo da poética e da semiótica francesa, vertentes teóricas que muito interessam aos estudiosos da literatura, pois a atitude de ignorar as influências

da retórica na observação dos textos literários significaria restringir em muito seu campo de análise. Buscou-se aqui, portanto, chamar atenção para a importância do retorno à Retórica Clássica, mesmo que sob as lentes da contemporaneidade. Os Estudos Clássicos são de grande proficuidade para o desenvolvimento de pesquisas sobre o fato poético na atualidade, bem como a Semiótica francesa só tem a enriquecer suas reflexões críticas ao debruçar-se sobre as concepções dos fenômenos de linguagem oriundos da Antiguidade Clássica.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.
- ADKINS, Lesley & ADKINS, Roy. *Life in ancient Rome*. New York: Oxford University Press, 1994.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Prefácio de Zélia de Almeida Cardoso e trad. de Eudoro de Souza. São Paulo: Editora Globo S.A., 1992.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006.
- ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTHES, Roland. "A retórica antiga" In: *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes, p. 147-221, 1975.
- BERTRAND, Denis. "Entimema e textualização". Trad. Dilson Ferreira da Cruz. In: *Cadernos de Semiótica Aplicada*. V.7, n. 2, 2009.
- BOWDER. *Quem foi quem na Roma antiga*. São Paulo: Art Editora, 1980.
- FIORIN, J.L. "Semiótica e retórica" In: *Gragoatá*. v. 23, p. 9-26, 2007.
- FIORIN, José Luiz. "Semiótica e paixão". *Revista Online de Literatura e Linguística*, ano I, n. 2, dez, 2008.
- GRUPO  $\mu$ . *Retórica Geral*. São Paulo, Cultrix, 1974.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Trad. de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

HJEMSLEV, L. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

JAKOBSON, R. "O dominante". In: LIMA, L. C. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002, p. 511-518.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org). *Retóricas de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

TODOROV, T. *Teorias do Símbolo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 16 de maio de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 15 de setembro de 2016.